

Variação Lingüística no Português Europeu: O Caso do Português dos Açores

Irene Maria F. **BLAYER** Ph.D.

Associate Professor

Dept. Modern Languages, Literatures and Cultures

Brock University

Ontario, Canada L0S 1J0

No critério que adoptei para classificar em três tipos o açoriano dos nossos dias [o micalense, o das ilhas de baixo e o picaroto], tive principalmente em conta os matizes da fala insulana, tão rebeldes à outiva como virgens ainda para a fonética experimental. As modalidades de índole, costumes, maneiras acompanham esses matizes com uma precisão magnífica; e só tenho pena de que a minha intuição não venha socorrida das provas, dos vivos exemplares de que a minha memória anda cheia.

Vitorino Nemésio. “O Açoriano e os Açores” in *Sob os Signos de Agora, Obras Completas* Vol. XIII (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977):97

1.0 O propósito deste estudo é apresentar algumas particularidades fonéticas do Português falado no Arquipélago dos Açores. Serão estas apenas observações da aparência vocálica nestas ilhas, mais especificamente na ilha de São Miguel, Grupo Oriental. Não se espere de nenhum modo uma visão ordenada e completa de uma temática tão complexa à qual ainda não se dedicou uma devida exposição metódica.¹

Atribuem-se ao século XIV as primeiras referências sobre o Arquipélago dos Açores. Entre 1345 e 1348 um frade castelhano anónimo escreve um texto literário intitulado *Libro del Conoscimiento de*

¹ Até hoje o único estudo de conjunto sobre o sistema vocálico do Português dos Açores é o da autora deste ensaio: Blayer, Irene Maria F. *Aspects of the Vocalic system in the Speech of the Azores Islands*. Ph.D. Diss. University of Toronto, 1992.

todos los reynos y señorios que son por el mundo em cuja viagem se refere a um grupo de 25 ilhas.² À medida que descreve a sua viagem (ed. 1980:50), e conforme a nomenclatura usada, o frade anónimo alude a ilhas situadas na latitude do que viriam a ser os Açores com a menção das ilhas de Lobo, Cabras, Brasil, Coluntara, Ventura, San Jorge, Conejos and Cuervos Marinos.³ Embora a localização do arquipélago dos Açores já tivesse sido estabelecida a meados do século XIV, documentada em cartografia de este período, (Velho Arruda XXXIII-XLVI), tudo indica que continuava despovoado.

O Arquipélago dos Açores é um conjunto de nove ilhas, situado cerca de 1500 Km a Oeste de Lisboa. Com uma população de 241.763 habitantes (CENSO, 2001), é constituído pelo Grupo Oriental: Santa Maria (5.578 hab), São Miguel (131.602 hab); pelo Grupo Central: Terceira (55.833 hab), Graciosa (4.780 hab), São Jorge (9.674 hab), Pico (14.806 hab), Faial (15.063 hab); e pelo Grupo Ocidental: Flores (3.995 hab), Corvo (425 hab).

Os Açores foram oficialmente descobertos pelos Portugueses em 1430 (há quem defenda uma viagem em 1427 por Diogo de Siolves ou Sunes)⁴ e, a partir desta data, o povoamento foi gradual com emigrantes de Portugal e da Europa. Gonçalo Velho Cabral foi o primeiro Capitão do Donatário das ilhas de São Miguel e Santa

² As ilhas Canárias, Madeira e Açores. Uma narrativa de ficção, o texto delinea muitos elementos factuais que todavia se atribuem ao conhecimento actual.

³ Nas notas que se seguem ao texto (213-215), o editor, Jiménez de la Espada identifica estas ilhas açorianas respectivamente: Santa Maria, São Miguel, Terceira, Pico, Faial, S. Jorge e Corvo. Jaime Cortesão (1960:43) refere-se a uma obra do ano 1367 e dos irmãos Domenic e Francesco Pizzigani, na qual os autores reproduzem o Atlas genovês de possivelmente do ano 1351 no qual se localizavam as ilhas Canárias e da Madeira, além da *insula Bracir* que geograficamente parece corresponder aos Açores. O Atlas catalão de 1375 também confirma a presença de seis das nove ilhas que formam o Arquipélago dos Açores. O mapa de Pinelli-Walckener, que data de 1384, inclui oito ilhas. Ademais, o mapa de Guillaume Soler, 1385, compreende o mesmo número de ilhas que o do mapa de Pinelli-Walckener com a excepção da que substitui Biono (Santa Maria) por Lovo.

⁴ Agradeço esta informação ao meu colega e historiador, Professor Carlos Enes.

Maria. A partir do ano 1443 já deveriam existir grupos de povoadores no grupo oriental, e possivelmente no grupo central (Arruda 122).⁵

Devido à falta de documentação precisa sobre o povoamento, continua por esclarecer de forma rigorosa o peso regional das comunidades dos primeiros povoadores e as respectivas fusões. A obra mais completa mas questionável segundo alguns historiadores, são as crónicas escritas por Gaspar Frutuoso no século XVI.⁶ Segundo ele, a proveniência dos primeiros povoadores, portugueses na sua quase totalidade, permanece algo incerta, visto que contingentes do sul de Portugal cruzaram-se com outros do centro e norte. Daqui resulta que a população do Arquipélago compõe-se primordialmente de um contingente de Portugal (além de alguma presença estrangeira),⁷ grupos vindos do Algarves, Alentejo, Beira e Minho os quais contribuíram para a diversidade de costumes que hoje se detectam em certas ilhas, e as idiosincrasias dos falares (ARRUDA FURTADO, 1884; LIGIA MATOS, 1939; ROGERS, 1948-50).

1.1 O Português falado nos Açores tem como base o Português dos povoadores que no século XV chegaram a estas ilhas virgens, os quais oriundos de várias regiões de Portugal exibiam na sua fala particularidades distintas. Uma linguagem que não era evidentemente uniforme.⁸ Estes falares foram evoluindo com forças externas e internas – sobretudo internas – (Helmut Lüdtke, Lindley Cintra, Paiva Boléo, Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana).⁹

⁵ Segundo um decreto do mesmo ano em que o rei se dirige “a todollos povoadores q estam e viv¹/₂m nas ditas ilhas” (Arruda 122).

⁶ *Saudades da Terra* escritas entre 1565 e 1589.

⁷ Sobretudo de flamengos (ainda no Séc. XV) e de alguns franceses da Bretanha.

⁸ Wartburg (1971), Leite de Vasconcelos (1970), Lindley Cintra (1983), Clarinda Maia (1975-78), Herman (1990), Robert Hall (1974), Gonçalves Viana (1883), Cuesta Pilar (1980).

⁹ Sobre este assunto escreveram-se muitos artigos para jornais locais (*Açoreana*, *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, *Atlântida*, *Insulana*, *Arquipélago*, *A Ilha*, *O Baluarte*, *O Jorgense*, e outros), além de alguns estudos sobre a história, literatura açoriana de folclore que tratam de assuntos parciais sobre a linguagem. De sumo interesse para nós, o ensaio de Luís da Silva Ribeiro ‘Linguagem popular’ em *Obras III, Vária* (1983):47-57, onde o autor reflete sobre a fonética, morfologia, sintaxe e léxico do falar das ilhas, Terceira e São Miguel.

De um ponto de vista das línguas românicas, a *labialização de vogais orais acentuadas*, a *monotongação de ditongos orais*, e *'release' de vogais anti-biáticas* constituem a notável particularidade vocálica do Português dos Açores. Note-se, sem embargo, que estas distinções caracterizam áreas do grupo oriental e ocidental nos dois primeiros casos, sendo o último aplicado particular e quase exclusivamente ao grupo central.¹⁰

Em cada um dos três casos, querer-se-á ver um estudo do tema como um conjunto dentro do falar açoriano e relacioná-lo com fenómenos extrapeninsulares visto que tal estudo, dentro dos parâmetros, sincrónico e diacrónico, ainda não lhe foi dedicado. Não obstante, não é esse necessário estudo de conjunto que me é possível abordar aqui, mas sim a exposição de alguns dos seus resultados. Apresentarei um esboço do trabalho a que me tenho dedicado nos últimos anos de investigação de campo – sobretudo da sua parte descritiva, sincrónica – na esperança de ser útil a outro investigador interessado em assuntos afins.¹¹

1.2 Uma das evoluções mais importantes na história da fonologia das línguas românicas é a deslocação das vogais, em especial, e mais especificamente da vogal U no território da Gália. Esta característica fonológica está historicamente conhecida por pertencer à influência do substrato Celta. Com esta deslocação da U houve previamente toda uma alteração do sistema, ou propriamente dito, do triângulo vocálico. Sem embargo, na diacronia que subjaz à evolução vocálica das línguas neolatinas, o Português é uma das mais conservadoras, mantendo-se com um sistema de sete vogais.¹²

¹⁰ Blayer, Irene M. F. (1992). Detrás dos falares que investigava havia um povo que me acolheu com todo o carinho, que me contava as suas histórias as quais me levaram a 'outro' conhecimento da minha gente, da minha cultura, e a um interesse para um melhor descobrimento da minha identidade cultural.

¹¹ Quando iniciei estudos de linguística românica nos anos 80, era rara a referência às particularidades de variantes do Português que não se localizassem dentro das áreas geográficas de Portugal Continental (Península), eliminando-se, assim, o conhecimento do Português das ilhas adjacentes Açores e da Madeira.

¹² Tenhamos em conta de que hoje se argumenta de que o Português tem 8 fonemas vocálicos orais (estudo completo de Wayne Redenbarger *Articulatory Features and Portuguese Vowel Height*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 1981. Como

O falar açoriano, e mais rigorosamente o sistema vocálico (este inclui ditongos porque tanto vogais como ditongos constituem o sistema vocálico: uma distinção importante na análise diacrónica das línguas românicas, uma vez que o sistema ditongal actua às vezes no sistema vocálico através da pressão constante de monotongação como no falar de São Miguel), participa na mutação que se desenvolve no vocalismo das línguas românicas.¹³

A presença de uma vogal labialializada (devido à posição tónica onde é formada), neste caso a palatal *ü* chama a atenção quando ouvimos o francês e certos falares dialectais, ou variedades dentro das línguas românicas, inclusive no português (sul de Portugal).¹⁴ Esta característica fonológica *U > ü* também é conhecida no falar dos Açores (por exemplo em *uva, figura*), sendo mais proeminente em São Miguel, mas aparecendo com vários graus de acentuação nas demais ilhas. É sabido que este fonema não pertence à pronúncia normal portuguesa,¹⁵ no entanto verifica-se que a sua vitalidade e extensão são muito maiores do que se julgava (ROGERS, 1946-49; SARAMAGO, 1978, 1992; BLAYER, 1992, e outros).

Com a presença deste fonema que distingue nitidamente o falar da ilha de São Miguel do das restantes ilhas, deu-se uma deslocação do sistema vocálico criando-se assim um sistema assimétrico – ou outros sistemas – distinto do Português padrão. Por conseguinte, ao referir-me ao falar dos Açores e à palatalização das vogais, ou à palatalização de monotongos resultantes da ditongação trata-se, evidentemente, de identificar o da ilha de São Miguel. Nos outros falares

sabemos, o latim vulgar evoluiu a variedades regionais distintas de vozes românicas depois do século V da nossa era. Consistia de sete vogais orais acentuadas ou tónicas e de três ditongos (*oe > e, ae > e, au > ou > o*). As sete vogais do latim, se em sílaba aberta ou fechada, sofrem uma evolução nas várias línguas românicas, conservando o mesmo número de vogais no Português Padrão. Ver APÊNDICE. *Evolução Românica das vogais acentuadas.*

¹³ Ver APÊNDICE.

¹⁴ Áreas nas regiões Baixa e Alentejo, no centro-sul, e Algarve no sul. (Cintra 1983).

¹⁵ Notemos que o Português não recebeu tão completamente as inovações que vinham da Itália, como o Francês, ou o Castelhana, por exemplo.

regionais este fenómeno encontra-se em termos gerais, mas é em São Miguel que se distingue profusamente da norma fonológica do português.¹⁶

1.3 Ainda dentro dos resultados da evolução vocálica, no que diz respeito aos ditongos ei, eu, ou, oi, au, encontramos com uma monotongação dominante em São Miguel, além de casos esporádicos nas demais ilhas (BLAYER, 1992). Em 1951, Paiva Boléo estudou a delimitação rigorosa das áreas de conservação e desaparecimento de ou e ei em Portugal.¹⁷ Perante a evolução do ditongo ou, Cintra escreve:

A monotongação de ou em ö envolve teoricamente um grau intermediário de palatalização do o inicial do ditongo que nos é perfeitamente conhecido da fonética histórica francesa em que, como se sabe, o o longo em sílaba aberta através das fases ou > eu é acompanhado a partir de certa altura pelo ditongo ou de outras origens e transforma precisamente no ö que vamos encontrar nesta região portuguesa. (CINTRA, 1983, p. 53)

A redução de oi a o é sequeamente produzida em ö (HAMMARSTRÖM, 1953; LÜDKE, 1957; MAIA, 1975-78, CINTRA, 1983). Comprovamos uma evolução paralela em São Miguel e áreas do grupo ocidental. Existe portanto ü e ö proveniente da deslocação das respectivas vogais velares posteriores, e das vogais resultantes da monotongação. A aparição deste fenómeno, na descrição de conjunto da sua distribuição geográfica nas ilhas, é notável em São Miguel, como já mencionámos, e observa-se com um grau de identificação e de localização menos acentuado no grupo ocidental (Flores e Corvo) e áreas do grupo central (Graciosa, Pico).¹⁸

¹⁶ Ver APÊNDICE.

¹⁷ Enquanto existe a monotongação dos ditongos no sul do país, por vezes seguida da palatalização da vogal resultante do monotongo, o Português do norte de Portugal mantém ou.

¹⁸ Ver APÊNDICE.

Interpretar este fenómeno da labialização em termos fonológicos leva-nos a assinalar a hipótese apresentada pelos estruturalistas (Haudricourt-Juillard, Martinet) para explicar a presença das vogais labializadas – assim como a evolução de u longo a ü nas línguas românicas. Segundo eles, a aparição de ü pode ser vista como a redução de um fonema ui Mehrlaut resultado da deslocação das vogais u e o. Com a assimetria deixada no espaço articulatorio, tanto na parte anterior como na posterior da boca, em sílaba fechada O passou a U, e consoante a pressão sofrida o U adquiriu uma articulação labializada. A vogal que resulta causa a formação de um fonema paralelo /ö/. Com base na economia linguística, Martinet (1955) explica que tudo o que se refere a linguagem deve ser visto “from the point of view of function.” As línguas preferem sistemas fonológicos simétricos e a função dos “sound sifts” é a de produzir simetria a um sistema assimétrico. Por outro lado, Spence argumenta que:

If we are to admit the desire for symmetry as an important factor in the process of change, it seems more plausible to see a reorganization of the system as a sort of therapeutic reaction to phonemic splits or mergers which have as it were ‘slipped under the guard’ of the users of the system: a move towards the reestablishment of symmetry implies that an asymmetry has arisen. (SPENCE, 1972)

E acrescenta que não se podem explicar estas mudanças que formaram os sistemas vocálicos por pressões sistêmicas com resultados totalmente predizíveis.

1.4 Por último, resta-nos fazer referência a casos de ditongação que resultam de quando se ‘desprende’ (“release”) uma das vogais antihiáticas.¹⁹ Impressiona o grande número de casos nas ilhas do Grupo Central, abrangendo o falar da Terceiras, algumas áreas da Graciosa e

¹⁹ Casos semelhantes no falar da ilha da Madeira.

zonas do norte de São Jorge (BLAYER, 1992). Ditongação semelhante aparece documentada na fala do norte de Portugal que, segundo Cuesta e Mendes (1980), Schürr referia-se a este fenómeno do Douro Litoral e Minho por ser “uma primitiva ditongação condicionada por metafonia por toda a România” (1980, p. 61).²⁰

Aos exemplos que coligi na investigação de campo nos Açores encontro que a ditongação com u é comum quando precedida pelas consoantes p, b, m; ou as velares k, g. Esta propagou-se depois quando a vogal acentuada em contacto com as labiodentais f, v; dentoalveolares t, d, n, l, r, s, z; ou a palatal lh (BLAYER, 1992).

Vejam os exemplos:

o milho > u muilho, cosido > cuzido, pelo menos > pulo muenos, aberto > abuerto, idade > idiade, la em casa > la im kiasa, comida > kumuida, convento > kunnvuento, oitavo > oitiavu, estimasse > istimiase, servido > survuido. (BLAYER, 1992)

2.0 Em resumo, como se originou a assimetria vocálica neste sistema do português falado em São Miguel – com presença esporádica nas demais ilhas? Mais saliente do que as influências externas encontramos ante um fenómeno de evolução independente de recursos externos. É difícil provar a evolução fonológica, que nos casos aqui documentados parecem ser inovações por não pertencer ao Português padrão.

Como resultado das forças sociais que por gerações moldaram o Português dos Açores, estas idiossincrasias do falar açoriano ter-se-ão totalmente mesclado no padrão. Notemos que existe no Português de Portugal Continental características paralelas a estas dos Açores, e que foram os povos destas áreas de Portugal que iniciaram o povoamento dos Açores. A assimetria do sistema vocálico de São Miguel não é anormal. Basta compará-lo com o das demais línguas românicas

²⁰ Para Dámaso Alonso (1962) muitos dos casos em que se nota a ditongação antes da vogal o acentuada existe uma consoante labial ou velar (porto > puerto, conde > cuonde, ponte > puonte), ou precedida de consoante dental (sete > siete, neve > nieve). Ver também Boléo e Santos Silva (1951), Mendes Cuesta (1980).

para compreender que este fenómeno é um processo interno normal de evolução fonológica românica. A área de origem dos primeiro povoadores continua como sendo um factor importante do qual necessitamos considerar quando se estudam as variações linguísticas regionais.²¹

A complexidade das particularidades do falar açoriano, e a importância deste tema, merece um estudo de conjunto e comparativo ante sistemas românicos compatíveis, o qual esperamos atender num futuro próximo.

APÊNDICE 22

LATIM VULGAR	ī i	ī ē oe ē	ē ae e	ā ā a	ō o	ū ō au o	ū u
L. VULGAR	filu	siccū pīra, tēla	hērba pēde	parte pratu	pōrtā nōvu	tūrre sōlu	mūru lūna
PORTUGUÊS	i fio	e sēco pēra, teia	ε erva pé	a parte prado	o porta novo ¹	o torre sô ²	u muro lua
FRANCÊS	i fil	ε / ei > ôi > ua sec poire, toile	ε / ie herbe pied	a / e parte pré PATRE père	o / u é > œ porte //neuf FOCU feu	o > ôu > eu > œ tour //seul HORA heure	ü mur lune
CASTELHANO	i hilo	e seco, pera	ié hierba, pie but: PECTUS pecho	a parte prado	ue puerta nuevo	o torre solo	u muro luna
ITALIANO	i filo	e secco, pera, tela	ε / ie erba piede	a parte prado	o / u o porta nuovo	o torre solo	u muro luna
CATALÃO	i fil	ε sec pera	e herba peu (an exception)	a part prat	o porta nou	o torre sol	u mur luna

EVOLUÇÃO ROMÂNICA DAS VOGAIS ACENTUADAS

1. O o e fechado aqui, mas aberto em nova, resultado de metafonia
2. Uma excepção aqui: SOLU > soo > só

²¹ Como afirma Raven McDavid: "Evidence accumulated in Germany, France and Italy revealed that in Europe regional speech differences are related to historical forces: original settlements, routes of migration, older political boundaries, and centers of diffusion" (1980, p. 19)

²² Tiragem dos mapas de www.terravista.pt.

A Monotongação dos Ditongos Decrescentes e Labialização da Vogal: São Miguel

(ei / eu → e → ö) e → ε → α → ɔ → (oe / ö) → (oi / ou) → o → ö → u → ü

A mudança que afecta o sistema vocálico de São Miguel é de certo modo paralela à que identificou Lüdke na zona 2 em Portugal Continental (da Beira Baixa e do Ribatejo ao Algarve)



A Monotongação e Labialização: Várias Ilhas

1. A monotongação dos ditongos decrescentes labialização da vogal

(ei / eu) → e → ö (Corvo, Flores, Graciosa, Santa Maria, São Miguel)

(oi / ou) → o → ö (Corvo, Flores, Graciosa, Santa Maria, São Miguel)

ui → ü (Flores, Corvo, São Miguel)

2. Labialização da vogais palatal e velar

A segunda onda de desenvolvimento vocálico aplica-se à labialização das vogais

e → ö (Corvo, Flores, São Miguel –e como resultado da monotongação)

o → ö (Corvo, Flores, Santa Maria, São Miguel e também como resultado da monotongação)

u → ü (Flores, Corvo, Pico, Graciosa, São Miguel, Santa Maria)

ø → ø (São Miguel, Corvo)

A Monotongação dos Ditongos Decrescentes e Labialização da Vogal Monotongada: Flores



(ei / eu) → e → ö

(oi / ou) → o → ö

ui → ü

Labialização da vogal

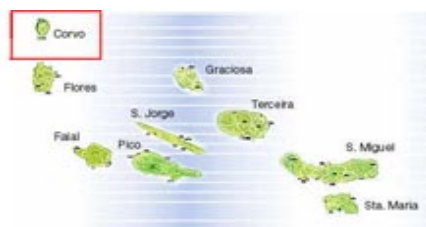
e → ö

o → ö

u → ü

A Monotongação dos Ditongos Decrescentes e Labialização da Vogal Monotongada: Corvo

Corvo



(ei / eu) → e → ö

(oi / ou) → o → ö

ui → ü

Labialização da vogal

ɔ → œ

e → ö

o → ö

u → ü

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Manuel Monteiro Velho. Coleção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores. 2. ed. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977.

BAPTISTA, Maria de Fátima Freitas. Ilha do Faial (Açores): Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore. 1970. Tese (Licenciatura) – Coimbra.

BERNARDO, Maria Clara Roko Palatalização e velarização do [a] acentuado no falar da Bretanha. In: Arquipélago, Universidade dos Açores, n. XIII, p. 23-34, 1992-1993.

_____. O falar da Bretanha. 1991. Tese (Mestrado) – Ponta Delgada.

BLAYER, Irene Maria F. Aspects of the Vocalic System in the Speech of the Azores Islands. 1992. Ph.D. Diss. – University of Toronto, Toronto.

BOLÉO, Manuel de Paiva. A Língua Portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil (Problemas de Colonização e Povoamento). Revista Portuguesa de Filologia, n. 18, p. 591-625, 1983.

_____. Alcuni problemi del paesaggio dialettale portoghese specialmente della parlata meridionale. Estudos de Lingüística Portuguesa e Românica, n. 1, p. 400-32, 1975.

BORGES, Nair Odette da Câmara. Influência anglo-americana no falar da ilha de S. Miguel (Açores). In: RPF, Suplemento II, Coimbra, 1960.

CORTESÃO, Jaime. Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa, 1960.

CUESTA, Pilar V.; LUZ, Maria Albertina Mendes da. Gramática da Língua Portuguesa. Edições 70, 1980.

DERVENN, Claude. Les Bretons aux Açores. Actes du Cinquantenaire de la création en Bretagne de l'enseignement du portugais, v. 1, p. 149-151, 1973.

DIAS, Maria Alice Borba. Ilha Terceira: Estudos de linguagem e etnografia. 1965. Tese (Licenciatura) – Lisboa.

FRUTUOSO, Gaspar. Livro Primeiro das Saudades da Terra. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1966. v. 6.

_____. Livro Quarto das Saudades da Terra. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1924. v. 1.

_____. Livro Quarto das Saudades da Terra. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1981. v. 2.

_____. Livro Quinto das Saudades da Terra. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1984.

_____. Livro Segundo das Saudades da Terra. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1968.

_____. Livro Sexto das Saudades da Terra. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1978.

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis. Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. Romania 12 (1883):29-98. Rtp. Boletim de Filologia, n. 7, p. 161-243, 1941.

HALL, Robert A., Jr. External History of the Romance Languages. New York: Elsevier, 1974.

HAMMARSTRÖM, Göran. Étude de phonétique auditive sur les parlers de l'Algarve. Uppsala: Almqvist and Wiksells, 1953.

HARRIS, M.; VINCENT N. (Eds.). The Romance Languages. London: Croomhelm, 1988.

HERMAN, J. (Ed.). Du latin aux langues romanes: études de linguistique historique. Tübingen: Niemeyer, 1990.

LAUSBERG, Heinrich. Romanische Sprachwissenschaft. 2. ed. Berlin: de Gruyter, 1967. 4 v. [Spanish translation: Lingüística románica. Madrid: Gredos, 1965].

LEITE DE VASCONCELOS, José. Esquisse d'une dialectologie portugaise. 2. ed. Lisbon: Centro de Estudos Filológicos, 1970.

_____. Mês de Sonho: Conspecto de etnografia açórica. Discurso pronunciado na Academia das Ciências em 1 de Maio de 1925 e ora trazido a lume com extenso Apêndice. Lisboa, 1926.

_____. Dialectos Açoreanos (Contribuição para o estudo da Dialectologia Portuguesa). Revista Lusitana, n. 2, p. 289-307, 1890-92.

LIBRO del Conocimiento de todos los reynos e tierras e señorios que son por el mundo e de las señales e armas que han cada tierra e señorío por sy e de los reyes e señorios que los proueen. Madrid: Boletim de la Sociedad Geográfica de Madrid, 1877.

LINDLEY, Cintra L. Estudos de Dialectologia Portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

LÜDTKE, Helmut. Beiträge zur Lautlehre portugiesischer Mundarten. Miscelánea Homenaje a André Martinet: Estructuralismo e historia. Diego Catalán. La Laguna: Univ. de la Laguna, (1957) p. 95-112.

MAIA, Clarinda A. Os falares do Algarve. Revista Portuguesa de Filologia, n. 17, p. 37-171, 1975-78.

MAIA, Maria Lúcia Borba. O falar da ilha Terceira. 1965. Tese (Licenciatura) – Lisboa.

MARTINET, André. Économie des changements phonétiques. Traité de phonologie diachronique. Berne: Francke S. A., 1955.

MATOS, Lygia Maria da Câmara Almeida. Ilha de S. Miguel, seu dialecto e literatura popular. Ponta Delgada, 1936.

McDAVID, Raven Jr. Linguistic Geography. CEA Critic, n. 42 [3], p. 17-23, 1980.

MEDEIROS, Maria de Jesus C. A linguagem micaelense em alguns dos seus aspectos. 1964. Tese (Licenciatura) – Lisboa.

MENDONÇA, Elsa de. Ilha de São Jorge: Subsídio para o estudo da etnografia, linguagem e folclore regionais. 1959. Tese (Licenciatura) – Lisboa.

MENEZES, Manuel. Revisão ao Problema da Descoberta e Povoamento dos Açores. Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, n. VII, p. 174, 1949.

NEMÉSIO, Vitorino. O Açoriano e os Açores. In: Sob os Signos de Agora, Obras Completas de Vitorino Nemésio, v. XIII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977. p. 97.

PAVÃO, José de Almeida. Aspectos populares micaelenses. 2. ed. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1981.

_____. Aspectos do Cancioneiro Popular Açoriano. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1981a.

POSNER, Rebecca; GREEN, John (Eds.). Trends in Romance Linguistics and Philology. Mouton: The Hague. Paris, New York, 1980. v. 1.

RIBEIRO, Luís da Silva. Formação do Povo dos Açores: Subsídio para o seu estudo. Obras II, História. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983. p. 45-68.

ROGERS, Francis Millet. Insular Portuguese Pronunciation: Alleged Breton Influence. Romance Philology, n. 2, p. 305-314, 1949.

_____. Insular Portuguese Pronunciation: Madeira. Hispanic Review, n. 14, p. 235-53, 1946.

_____. Rev. of Étude de phonétique auditive sur les parlers de l'Algarve, by Göran Hammarström. Romance Philology, n. 8-9, p. 284-99, 1954-56.

_____. Insular Portuguese Pronunciation: Alleged Flemish Influence. *Mediaeval Studies in Honour of J. D. M. Ford*, p. 211-221, 1948.

SARAMAGO, João das Pedras. A ilha do Corvo, alguns dos seus aspectos lingüísticos. 1987. Tese (Mestrado) – Lisboa.

_____. Le parler de l'île de Corvo - Açores. Diss. Grenoble, Université Stendhal, 1992.

SILVEIRA, Cunha da. Contribuição Flamenga nos Açores. *Insulana*, n. 22, p. 64-126, 1963.

SPENCE, N. C. W. Quantity and Quality in the Vowel-System of Vulgar Latin. In: ANDERSEN, James M.; GREORE, J. (Eds.). *Readings in Romance Linguistics*. Mouton: The Hague, 1972.

VERLINDEN, Charles. La découverte des archipels de la Méditerranée atlantique (Canaries, Madères, Açores) et la navigation astronomique primitive. *Revista Portuguesa de Historia*, n. XV, p. 105-131, 1976.

_____. Le peuplement flamand aux Açores au XV siècle. *Os Açores e o Atlântico: Séculos XIV-XVII*, p. 298-307, 1984.

WARTBURG, von Walther. La fragmentación lingüística de la Rumania. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1971.